

Ex-prefeito e Covas disputam PFL

JOSÉ MARIA MAYRINK

SÃO PAULO — O ex-prefeito Paulo Maluf (PPB) saiu calado de São Paulo e voltou mudo de Brasília, depois de jantar com o presidente Fernando Henrique, segunda-feira, no Palácio da Alvorada. “Como convidado, não ficaria bem para mim divulgar o conteúdo da conversa”, justificou-se Maluf.

O jantar do ex-prefeito com o presidente surpreendeu até os malufistas bem informados. “O doutor Paulo foi chamado pelo presidente para conversar sobre o quadro eleitoral de 98”, contou um assessor. Ele soube da viagem horas antes do embarque do ex-prefeito, que falou do convite, mas não entrou em detalhes. O encontro fora acertado pelo presidente do PPB, senador Espiridião Amin (SC).

Maluf já vinha acenando para a possibilidade de uma conversa com o presidente da República desde o início de fevereiro, após a aprovação da emenda da reeleição na Câmara. O pepebista, que vinha desafiando Fernando Henrique, adotou o discurso e deixou claro que estava aberto ao diálogo. “Se o presidente quiser vir à minha casa, vou recebê-lo com tapete vermelho”, disse mais de uma vez.

Maluf só aguardava o momento mais oportuno. Sem esconder a pretensão de ser candidato a presidente da República ou a governador do estado em 98, ele queria voltar à cena política, mas só após o depoimento de seu sucessor, Celso Pitta, à CPI dos Precatórios. Na sexta-feira, Maluf aproveitou uma reunião com a executiva estadual do PFL, em seu escritório, para mandar um recado ao Planalto. “Estou pronto a almoçar ou a jantar com o presidente, na hora que ele quiser”, anunciou, entre elogios ao programa social do governo federal. Depois disso, o presidente do PFL paulista, Cláudio Lembo, não se

espantou com a notícia do jantar. “É a solidariedade dos partidos que têm algo em comum”, observou.

O PSDB que se elegeu em coligação com o PFL tenta ampliar a aliança com o PPB, que já tem um ministro no governo — o deputado Francisco Dornelles (RJ), da Indústria, do Comércio e do Turismo. A aproximação exige, porém, concessões e compromissos. No quadro da sucessão estadual, Fernando Henrique teria mais apoio do PPB, em troca de sua neutralidade em São Paulo. Nesse caso, Maluf estaria livre para chegar a um acordo com o PFL, que não teria a obrigação de apoiar Mário Covas, caso ele se candidate à reeleição. A bancada pefelista, de 11 deputados, acabou fazendo parte do bloco do governo na Assembleia Legislativa, apesar das restrições iniciais de Covas ao PFL.

“Maluf não esconde seu interesse por uma coligação com nosso partido”, diz Cláudio Lembo. Essa união já existe no plano municipal, pois Maluf conseguiu os votos do PFL para eleger o sucessor, Celso Pitta. Como compensação, o PFL entrou com o vice-prefeito, Régis de Oliveira, que ocupa também a Secretaria de Educação. Também são pefelistas o secretário do Planejamento, Gilberto Kassab, e o da Família e Bem-Estar Social, Mauricio Najar.

Se concorrer ao governo estadual, Maluf poderá ter como vice o senador Romeu Tuma (PFL-SP). “O Maluf está me convidando para ser seu vice”, revelou Tuma, na segunda-feira. Lembo confirma o assédio, mas adverte que não será fácil chegar a um acordo. “A orientação da executiva nacional é que o partido deve ter candidato próprio”, lembra o presidente do PFL paulista. Nesse caso, Tuma e Régis de Oliveira iriam à convenção disputar a indicação para governador.